

## Ficha Técnica

Título

**MUSEAL – Revista do Museu Municipal de Faro**  
**Nº1 – A Realidade Museológica no Algarve: Perspectivas para o Séc. XXI**

Edição

**Câmara Municipal de Faro / Museu Municipal**

Direcção

**Dália Paulo**

Investigadora co-responsável

**Clara Camacho**

Conselho Científico

**António Nabais**

**Clara Camacho**

**Francisco Lameira**

**João Brigola**

**José d'Encarnação**

Textos

**António Carrilho**

**António Nabais**

**Clara Camacho**

**Conceição Amaral**

**Dália Paulo**

**Emanuel Sancho**

**Isabel Soares**

**José Gameiro**

**Marco Lopes**

Design e Produção

**Ideias em Baú, Comunicação Marketing, Lda**

Impressão

**SIG – Sociedade Industrial Gráfica, Lda**

Depósito legal

**242162-06**

ISSN

**1646-4202**

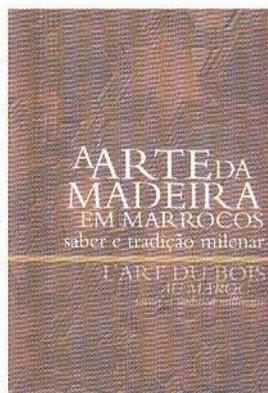
Data

**Mai 2006**

Tiragem

**1000 exemplares**

*Solicita-se permuta. We request exchange. On prie l'échange. Se solicita permuta.*



Maria da Conceição AMARAL e Souad ROUIJEL (comissárias), *A Arte da Madeira em Marrocos – Saber e Tradição Milenar*. Câmara Municipal de Silves, 2005. ISBN: 972-8505-12-4.

Trata-se do catálogo da exposição temporária com o mesmo nome, inaugurada no Museu Municipal de Silves em Novembro de 2005. 37 páginas de textos bilingues (em português e em francês), a que se seguem 44 de catálogo propriamente dito, com magníficas reproduções fotográficas (da autoria de Jamal Mehssani) das 48 peças expostas, distribuídas por quatro secções: arquitectura, mobiliário, quotidiano, artes e ofícios.

Iniciativa integrada na programação de Faro Capital Nacional da Cultura, a exposição teve, em primeiro lugar, o condão de voltar a aproximar as duas margens (digamos assim) do Mediterrâneo. Aliás, esse aspecto é sobejamente focado nos textos introdutórios quer da presidente da Câmara, Maria Isabel Fernandes da Silva Soares, quer de Mohamed Achaari, ministro da Cultura do Reino de Marrocos: «Séculos e séculos de vizinhança e de convivalidade permitiram que os nossos dois países tecessem laços culturais profundos». Por isso, «em numerosas cidades marroquinas é manifesta a marca portuguesa e várias cidades portuguesas encerram uma herança árabo-islâmica muito rica» (p. 6).

Por outro lado, o trabalho em madeira reveste-se de particular importância quer pela sua singular beleza quer pelo seu profundo significado no que concerne ao respeito pelo ambiente: pretende-se igualmente, sublinhou Isabel Soares, «mostrar, nomeadamente aos mais jovens, as grandes potencialidades da madeira», «a graciosidade do seu uso artesanal», o «enorme leque da sua utilização» (p. 4).

Terceiro aspecto a registar – e louvem-se, por isso, as comissárias – é a elevação a 'objecto de museu', a 'património' daquilo que faz (ou fazia) parte do nosso corriqueiro dia-a-dia e que ganhou tal «valor de memória colectiva, que justifica a sua salvaguarda» (p. 9), «obras e gestos que desafiam o esquecimento»! Daí que nos extasiemos tanto diante do singelo tripé de sapateiro, sua lima, molde e martelo para couro ou perante rudimentar prensa de azeite de Marraquexe (século XIX) como diante dos magníficos cofres com embutidos, o lindíssimo espelho de Tânger, o excepcional cachorro de Meknés (século XIV) ou a maravilhosa moldura de janela (século XVIII) vinda de Meknés também.

Espelha, pois, o catálogo uma exposição que soube enquadrar-se magistralmente num espaço nada fácil, mormente se considerarmos que uma das paredes da sala é toda de vidro para dali se poder contemplar a muralha da cidade e há, a meio, a clarabóia da cisterna árabe em torno da qual o museu foi concebido. Ajustada, a solução de envolver esta clarabóia num corpo hexagonal, a permitir o aproveitamento vertical desse espaço e a gerar uma intimidade que os objectos efectivamente requeriam.

Dir-se-á que a apresentação gráfica do catálogo é extremamente cuidada e que o texto de Catherine Cambazard-Amahan, historiadora de Arte Islâmica, do Institut National des Sciences de l'Archéologie et du Patrimoine, que ocupa, na versão portuguesa, as p.15-26, constitui excelente síntese sobre a multifacetada arte de trabalhar o cedro em terras marroquinas, nomeadamente em Fez, «a cidade mais rica em património de madeira em Marrocos», afirmação que não carece de demonstração para quem, alguma vez, se passeou pelas ruas da medina de Fez, onde, em cada recanto, uma maravilha espreita.

Refere Catherine os vários estádios por que passava o aproveitamento da madeira de cedro, desde o seu corte nas montanhas de Béni Yazgha, até à sua manipulação pela corporação dos serradores de pranchas e pelos artistas marceneiros-carpinteiros, pois, na verdade, «se o coração dos troncos de cedro era usado para madeira de vigamento, em contrapartida, o alburno (parte exterior) destinado a ser esculpido, servia para a realização de obras tais como portas, janelas, grades e pára-ventos» (p. 15). E a historiadora passa, depois, em análise os vários períodos desta arte, não se esquecendo de referir como também nela existem as inscrições merinidas que, mais do que «vontade de deixar uma mensagem», traduzem «o desejo de enriquecer uma

superfície»: é a epigrafia a ser usada com efeitos estéticos, como, de resto, facilmente disso se apercebe quem visita, por exemplo, o Alhambra de Granada, onde os caracteres cúficos funcionam como um elemento decorativo mais.

Silves está, pois, de parabéns e proporciona, agora, mais um excelente pretexto para demorada e enriquecedora visita. E se a exposição, naturalmente, aspira a ser itinerante, o catálogo ficará como valioso testemunho de um acontecimento cultural singular.

**José d'Encarnação**